

CHAPTER XIV

THE INCREASE IN PSYCHOTROPIC DRUG USE DURING AND AFTER THE PANDEMIC: IMPACTS AND IMPLICATIONS

O AUMENTO DO USO DE PSICOTRÓPICOS DURANTE E APÓS A PANDEMIA: IMPACTOS E IMPLICAÇÕES

DOI: 10.51859/amplla.sset.2224-14

Anna Beatriz Fonseca Freitas ¹

Bianca Sheila de Andrade ²

Louyze Assunção Cristiano de Oliveira ³

Maria Eduarda Nunes Ribeiro ⁴

Mariana Andrade Figueiredo ⁵

Salatiel Henrique Pereira de Lima ⁶

¹ Graduanda do curso de Farmácia. Centro Universitário UniFBV – UniFBV. ORCID. <https://orcid.org/0009-0008-7855-3699>

² Graduanda do curso de Farmácia. Centro Universitário UniFBV – UniFBV. ORCID. <https://orcid.org/0009-0002-8256-9462>

³ Graduanda do curso de Farmácia. Centro Universitário UniFBV – UniFBV. ORCID. <https://orcid.org/0009-0000-4932-5664>

⁴ Graduanda do curso de Farmácia. Centro Universitário UniFBV – UniFBV. ORCID. <https://orcid.org/0009-0006-2636-5149>

⁵ Coordenadora Departamento de Farmácia. Centro Universitário UniFBV – UniFBV. ORCID. <https://orcid.org/0000-0002-4453-8641>

⁶ Preceptor do Laboratório de Farmácia. Centro Universitário UniFBV – UniFBV. ORCID. <https://orcid.org/0000-0001-9876-0398>.

ABSTRACT

The present article addresses the significant increase in the consumption of psychotropic drugs during the COVID-19 pandemic, driven by factors such as stress, anxiety, and social isolation. It highlights the impact on mental health, with a higher prevalence of depression and anxiety, leading to increased demand for antidepressants, anxiolytics, and sedatives. The literature review also explores the main factors contributing to this increase, including the deterioration of mental health and the practice of self-medication, which intensified due to the easy access to these medications. It discusses the risks associated with the indiscriminate use of psychotropic drugs, such as chemical dependency and the potential masking of underlying mental health issues. Emphasizes the importance of early interventions and the need for strategies to promote the rational use of

these medications, including education on mental health, training of healthcare professionals, and the implementation of public policies aimed at raising awareness and reducing the stigma associated with the treatment of mental disorders.

Keywords: Psychotropics. Pandemic. Mental health. Self-medication. COVID-19.

RESUMO

O presente artigo aborda o aumento significativo do consumo de medicamentos psicotrópicos durante a pandemia de COVID-19, impulsionado por fatores como estresse, ansiedade, e isolamento social. Destacando o impacto na saúde mental, com uma maior prevalência de depressão e ansiedade, o que levou a um aumento na demanda por antidepressivos, ansiolíticos e sedativos. A revisão bibliográfica também explora os principais fatores que contribuíram para esse aumento, incluindo

a deterioração da saúde mental e a prática da automedicação, que se intensificou devido ao fácil acesso a esses medicamentos. Discute a respeito dos riscos associados ao uso indiscriminado de psicotrópicos, como a dependência química e o potencial de mascaramento de problemas subjacentes de saúde mental. E enfatiza a importância de intervenções precoces e a necessidade de estratégias para promover o uso racional desses

medicamentos, incluindo a educação sobre saúde mental, a capacitação de profissionais de saúde e a implementação de políticas públicas voltadas para a conscientização e redução do estigma associado ao tratamento de transtornos mentais.

Palavras-chave: Psicotrópicos. Pandemia. Saúde mental. Automedicação. COVID-19.

1 INTRODUÇÃO

O agente etiológico denominado SARS-CoV-2, responsável pela síndrome respiratória aguda grave 2 (SARS-CoV-2), foi identificado em Wuhan, China, em 31 de dezembro de 2019. A Organização Mundial da Saúde (OMS), em 9 de janeiro de 2020, oficializou a presença desse novo coronavírus. No dia 11 de março de 2020, o diretor-geral da OMS declarou a COVID-19 como uma pandemia (LANA et al., 2020).

Após esse pronunciamento, várias entidades governamentais desenvolveram medidas sanitárias, tais como bloqueios totais (lockdowns), quarentenas, isolamento social, uso obrigatório de máscaras fora do ambiente residencial e suspensão de atividades não essenciais à vida e à saúde (Cavalcante et al., 2020).

A doença apresentou rápida disseminação, alterando seu epicentro da China para a Itália, Espanha e Reino Unido, e subseqüentemente, nos meses de abril e maio, para os Estados Unidos da América, onde houve o maior número de casos. No Brasil, em 28 de setembro de 2020, foram registrados 4.745.464 casos e 142.058 mortes, ficando atrás apenas dos Estados Unidos (Souza et al., 2021).

Com a mudança abrupta na rotina da população, o medo e a ansiedade decorrentes da escassez e inconsistência de informações confiáveis levaram a um aumento nos sintomas de transtornos de saúde mental (Barros-Delben et al., 2020). De acordo com a OMS (2017), houve um aumento de 18% no número de pessoas com depressão entre 2005 e 2015. Estima-se que, no primeiro ano da pandemia, tenha havido um aumento de 25% nos casos de depressão e ansiedade globalmente (Ornell et al., 2020).

Como resultado desse aumento de casos de depressão, houve uma maior demanda por medicamentos psicotrópicos. Um levantamento realizado pelo Conselho Federal de Farmácia (2023), com base em dados da Consultoria IQVIA, mostrou um

aumento de 36% nas vendas de antidepressivos e estabilizadores de humor entre 2019 e 2022, passando de 82.667.898 para 112.797.268 unidades vendidas. É fundamental um diagnóstico adequado e prescrição médica, juntamente com a assistência do profissional farmacêutico, para garantir o uso racional desses medicamentos e o acompanhamento do tratamento (Silva Mesquita et al., 2023).

2 REVISÃO BIBLIOGRÁFICA

2.1 Aumento do uso de psicotrópicos

2.1.1 Fatores de estresse e ansiedade

A pandemia da Covid-19 emergiu como um fenômeno singular devido à sua complexidade e impacto global, especialmente por sua rápida disseminação e a escassez de tratamentos específicos. Esta crise desencadeou preocupações tanto na esfera da saúde pública quanto na econômica, levando os países a enfrentarem um dilema entre a preservação da saúde coletiva e a manutenção das atividades econômicas. O consequente isolamento social, o temor da doença, a incerteza econômica e a interrupção das rotinas normais exacerbaram os níveis de estresse e ansiedade, com efeitos particularmente severos sobre os grupos mais vulneráveis (Castro-de-Araujo & Machado, 2020).

Castro-de-Araujo & Machado (2020) destacam que a implementação de uma rotina estruturada durante a quarentena pode atuar como uma estratégia eficaz na mitigação dos sintomas de ansiedade. Além disso, para aqueles com recursos disponíveis, a busca por assistência profissional através da psicoterapia pode fornecer ferramentas para lidar de forma adequada com informações sensacionalistas, reduzindo assim a suscetibilidade a crenças distorcidas.

Um estudo comparativo conduzido por Brooks et al. (2020) entre famílias sujeitas à quarentena e aquelas que não passaram pelo isolamento social revelou que crianças expostas à quarentena apresentaram uma prevalência de estresse pós-traumático quatro vezes maior do que aquelas não submetidas à mesma.

2.1.2 Saúde mental prejudicada

Um estudo realizado por Zhang et al. (2020) durante a pandemia, envolvendo 1.563 profissionais saudáveis, evidenciou que mais da metade dos participantes (50,7%) apresentaram sintomas de depressão, 44,7% manifestaram sintomas de ansiedade e 36,1% relataram insônia. Diante dessa deterioração da saúde mental,

muitos indivíduos buscaram estratégias para lidar com os sintomas de ansiedade, depressão e insônia. A imposição da quarentena confrontou a população com a perda de controle sobre suas atividades diárias, gerando um ambiente de incerteza e impotência.

A Organização Mundial da Saúde (OMS) destaca a importância de manter uma rotina estruturada, a prática regular de exercícios físicos e a garantia de uma boa qualidade de sono como medidas fundamentais para atenuar os sintomas de ansiedade e estresse. Adicionalmente, a OMS incentiva o uso de tecnologias de comunicação para manter o contato social durante o isolamento (da Silva Ferreira et al., 2024).

Muitos indivíduos recorreram à assistência profissional como uma estratégia para enfrentar os sintomas de estresse e ansiedade, com a tecnologia desempenhando um papel fundamental no acesso a serviços de psicoterapia online durante a quarentena. Isso enfatiza que o cuidado com a saúde mental é tão crucial quanto o cuidado com a saúde física (Cruz et al., 2021).

A telefarmácia emergiu como uma alternativa para facilitar o acesso aos medicamentos durante a pandemia, oferecendo serviços de aconselhamento ao paciente por telefone e garantindo o gerenciamento adequado do uso de medicamentos (Gossenheimer et al., 2021). Apesar desses recursos disponíveis, ainda há casos de automedicação.

2.1.3 *Automedicação*

A automedicação, caracterizada pelo uso de medicamentos sem supervisão médica, diagnóstico ou acompanhamento profissional, representa um desafio significativo para a saúde pública. No Brasil, essa prática é comum, como evidenciado por uma pesquisa realizada em Curitiba (Paraná) em 2017, na qual 25% dos entrevistados admitiram obter psicotrópicos de conhecidos e 15,6% relataram comprar medicamentos controlados sem prescrição médica, frequentemente para tratar sintomas de depressão, ansiedade e insônia sem um diagnóstico psiquiátrico apropriado (Cecilio et al., 2024).

A facilidade de acesso aos medicamentos e a conduta antiética de alguns profissionais e estabelecimentos são apontadas como principais impulsionadores dessa prática (BEZERRA et al., 2021).

Com o advento da pandemia de COVID-19, muitas pessoas têm experimentado insônia, ansiedade e depressão, dado que a exposição a situações estressantes pode desencadear transtornos psicológicos. Isso resultou em um aumento no consumo e abuso de substâncias como álcool, cigarro, drogas ilícitas e medicamentos psicotrópicos, empregadas como estratégias para aliviar ou suprimir esses sintomas (Malta et al., 2020).

Uma análise do Sistema Nacional de Gerenciamento de Produtos Controlados (SNGPC) revelou um aumento significativo na venda de certos psicotrópicos no Brasil durante o primeiro trimestre de 2021 em comparação com o mesmo período de 2020, incluindo os antidepressivos bupropiona (137%), amitriptilina (41,5%), escitalopram (37,9%) e trazodona (17,4%), além do benzodiazepínico bromazepam (120%) (Bomfim et al., 2023).

2.2 tipos DE PSICOTRÓPICOS mais utilizados

2.2.1 Ansiolíticos e sedativos

Os ansiolíticos são fármacos utilizados no tratamento da ansiedade. Eles agem como depressores do sistema nervoso central, reduzindo os sintomas e a intensidade das crises. De acordo com uma pesquisa realizada por Malta et al. (2023), 40% dos 45.161 entrevistados afirmaram que não tinham dificuldades para dormir antes da pandemia, enquanto 52,6% se sentiam nervosos e ansiosos.

O medo é um mecanismo de defesa adaptativo essencial para a sobrevivência, envolvendo diversos processos biológicos de preparação para eventos desafiadores. Em uma pandemia, o medo pode desenvolver ansiedade e aumentar os níveis de estresse em pessoas saudáveis, além de intensificar os sintomas em indivíduos com distúrbios psicológicos pré-existentes (Ornell et al., 2020).

Para enfrentar a insônia, o nervosismo e a ansiedade, muitas pessoas recorreram aos benzodiazepínicos. Esses medicamentos reduzem a ansiedade e possuem efeito sedativo, contribuindo para a indução do sono. A ação dos benzodiazepínicos ocorre por meio da ligação com receptores específicos que aumentam a afinidade com o neurotransmissor GABA, levando ao aumento da abertura dos canais de íons. O estímulo gerado pelos íons cloreto na célula cria uma hiperpolarização da membrana neuronal, reduzindo a capacidade de excitação (Rivera et al., 2021).

2.2.2 *Antidepressivos*

Os antidepressivos são utilizados no tratamento do transtorno depressivo maior, comumente conhecido como depressão. Seu mecanismo de ação envolve o aumento da biodisponibilidade dos neurotransmissores na fenda sináptica, seja por meio de dosagem exógena, impedindo a sua recaptação ou aumentando a sua ação. Uma das classes mais utilizadas são os Inibidores Seletivos da Recaptação de Serotonina (ISRS), que impedem a retirada da serotonina da fenda sináptica, mantendo-a disponível por mais tempo. A serotonina é um neurotransmissor responsável pela regulação do humor, apetite, sono, ritmo cardíaco e funções cognitivas; quando está em baixa concentração, pode causar insônia, mau humor, depressão e ansiedade (Matschinske et al., 2022).

De acordo com Matschinske et al., (2022), durante a pandemia, o Brasil registrou o maior número de casos de depressão, atribuídos ao isolamento social e ao agravamento da doença, que resultou em aumento do desemprego e atraso no desenvolvimento pessoal e profissional. Muitas pessoas buscaram antidepressivos para lidar com a depressão causada pela pandemia. Segundo Meira et al., uma pesquisa comparou as vendas de antidepressivos entre 2019 e 2020, revelando um aumento de 181,90% de Fluoxetina 20mg, 124,36% de Amitriptilina 25mg, 325,33% de Imipramina 25mg e 125% de Clomipramina 75mg.

De acordo com Rodrigues et al., (2020), um estudo apontou que a maior utilização de psicotrópicos ocorreu na população entre 20 e 59 anos, justificando-se pelo impacto do isolamento social, que ocasionou distanciamento entre amigos e familiares e aumento do desemprego, afetando a população economicamente ativa.

2.2.3 *Estimulantes*

Segundo Morgan et al., (2017), os estimulantes como cocaína, anfetaminas e metilfenidato são utilizados para ativar e dar energia em indivíduos deprimidos. A procura por esses medicamentos aumentou para combater a falta de energia e motivação decorrente das restrições causadas pela pandemia.

Os estimulantes fazem parte de um grupo de substâncias que aumentam a atividade cerebral, intensificando o estado de alerta, diminuindo o sono e o apetite, e aumentando a capacidade física para o trabalho, embora reduzam o desempenho (Morgan et al., 2017; dos Santos Pires et al., 2018).

Eles fazem com que o indivíduo tenha mais energia e fique mais "ligado", sem sentir sono. As substâncias desse grupo incluem anfetaminas, cocaína, cafeína e nicotina. Embora a anfetamina seja uma droga ilícita, existem substâncias anfetamínicas disponíveis no mercado para fins médicos. Seu mecanismo de ação envolve a liberação e inibição da captura de catecolaminas, sendo utilizada para tratar crianças com TDAH e, sem prescrição médica, por jovens e adolescentes para obter maior rendimento nos estudos (Morgan et al., 2017; dos Santos Pires et al., 2018).

2.3 impactos na SAÚDE MENTAL e física

2.3.1 Riscos de dependência

O uso indevido de psicotrópicos pode levar à dependência química e a problemas de saúde a longo prazo. Segundo Villa e colaboradores (2003), os antidepressivos inibidores seletivos da recaptção da serotonina (ISRS) possuem um alto potencial de abuso e dependência devido à sua ação anticolinérgica, cuja propriedade farmacodinâmica se assemelha à das anfetaminas e da cocaína. Quando se faz a retirada desses fármacos, principalmente da paroxetina, frequentemente surgem sintomas como enjojo, insônia, ansiedade e alterações de equilíbrio, denominados pelos laboratórios como "síndrome da descontinuidade".

Essa dependência pode ocorrer por inúmeros fatores. Primeiramente, na prescrição, o profissional pode fazer uma indicação errada do medicamento ao paciente, falhar na orientação de como deve ser utilizado ou no tempo de tratamento. O erro pode ocorrer também por parte do usuário, através do uso inadequado do medicamento, aumentando ou diminuindo a dosagem por conta própria, utilizando manobras para conseguir a receita médica e não realizando o acompanhamento psicológico (Villa et al., 2003).

Segundo uma pesquisa realizada na Bahia por Fontes et al. (2022) com 192 universitários, 48 dos entrevistados afirmaram utilizar medicamentos para ansiedade e depressão. Desses, 31 estudantes possuíam diagnóstico psiquiátrico, 11 faziam uso de clonazepam ou seus derivados, e os outros 20 utilizavam outros medicamentos. Dos estudantes sem diagnóstico, 17 utilizavam ansiolíticos sem prescrição médica.

2.3.2 Interferência na recuperação

O uso excessivo de psicotrópicos pode prejudicar a capacidade natural do corpo e da mente de lidar com o estresse e superar desafios. O farmacêutico tem um

papel muito importante nesse quesito, pois no ato da dispensação é feita a orientação sobre possíveis efeitos adversos, como fazer o uso correto e seguro dos medicamentos, entre outras informações acerca do tratamento, aumentando assim a confiança do paciente na recuperação da doença (de Souza & Trevisan, 2021).

De acordo com Maia e Albuquerque (2000), na sociedade atual existe uma busca incessante dos indivíduos pela satisfação imediata de suas necessidades, conhecida como a “cultura do imediatismo”, onde não há tempo de refletir sobre os próprios atos e a necessidade é de consumir e/ou ultrapassar o outro. Essa cultura é causada pela popularização das tecnologias de comunicação, mídias digitais e o desenvolvimento informacional. Isso se estende por todas as áreas da vida do homem moderno, inclusive no modo como lida com seus problemas, angústias, ansiedades e tristezas. Dessa forma, recorre ao método mais rápido de resolver esses problemas por meio de medicamentos, muitas vezes sem um acompanhamento médico.

2.3.3 Máscara para problemas subjacentes

Segundo levantamento da Organização Mundial da Saúde, mais da metade dos medicamentos que são receitados no mundo são comercializados e dispensados sem a retenção da receita médica, trazendo prejuízos para o paciente e fortalecendo a prática do uso indiscriminado por meio da automedicação e da falta de um acompanhamento profissional (Cavalcante, 2017).

O uso excessivo de psicotrópicos pode trazer graves consequências para a saúde. Portanto, o uso indiscriminado sem um acompanhamento médico ou farmacêutico pode mascarar outras doenças, sendo essa prática extremamente prejudicial à saúde das pessoas. Cada medicamento age de uma forma no organismo, e sem a orientação de um profissional capacitado, esse uso pode acarretar problemas mais profundos, como o surgimento de efeitos colaterais, agravamento do caso clínico do paciente e sobrecarga dos sistemas de saúde (Melo, 2021).

2.4 IMPLICAÇÕES sociais e de saúde pública

2.4.1 Carga sobre os sistemas de saúde

Os psicotrópicos são medicamentos que atuam no cérebro, modificando a maneira do indivíduo sentir, pensar e em muitos casos de agir, são utilizados tanto no tratamento de transtornos psiquiátricos, quanto nos problemas referentes à saúde mental. O aumento da demanda por psicotrópicos coloca pressão adicional nos

sistemas de saúde já sobrecarregados, tendo em vista que a Atenção Primária em Saúde (APS) não oferece atendimento especializado em relação a tratamento psiquiátrico, porém após a realização de um estudo mostrou ser o local de maior prescrição desses medicamentos (de Moura et al., 2016; Abi-Ackel et al., 2019; Nunes et al., 2020).

Durante a pandemia a telefarmácia ganhou grande repercussão, pois devido o isolamento social surgiu a necessidade desse atendimento de forma remota visando a promoção, proteção, monitoramento, recuperação da saúde, bem como problemas relacionados ao uso de medicamentos incentivando assim a prática do uso racional de medicamentos, essas ações ajudaram a aprimorar o sistema de saúde, diminuindo a sobrecarga das urgências e emergências. Por isso a importância do profissional farmacêutico na assistência farmacêutica, esclarecendo dúvidas a respeito do uso de psicotrópicos auxiliando a adesão do paciente ao tratamento e garantindo o uso racional desses medicamentos (BARRETO JUNIOR, 2022).

2.4.2 Estigma e desinformação

A falta de educação sobre o uso adequado de psicotrópicos pode levar ao estigma e ao uso inadequado. O farmacêutico tem papel fundamental na educação a respeito do uso racional de medicamentos, que é definido como a situação em que o paciente recebe o medicamento adequado a sua necessidade clínica, em doses adequadas a sua condição, pelo período de tempo apropriado e com menor custo. (Silva Júnior, 2019).

De acordo com Araújo e colaboradores (2008) a Assistência Farmacêutica se subdivide em pelo menos dois subgrupos distintos entre si, mas com papéis complementares, sendo um relacionado à tecnologia de gestão do medicamento, ou seja, trabalha na garantia de acesso e o outro relacionado a tecnologia do uso do medicamento, que é a área responsável pela utilização correta dos medicamentos.

A capacitação profissional é extrema importância, não apenas de farmacêuticos, mas também os médicos para que possa ser feita a conscientização a respeito do uso dos medicamentos, dos seus possíveis efeitos colaterais e assim poder identificar situações em que a automedicação oferece algum risco para o paciente. Conhecida também como a alfabetização em saúde, é base fundamental para enfrentar a automedicação irresponsável (de Sousa & Trevisan 2021).

Uma das habilidades que foram desenvolvidas com essa educação em saúde, segundo Fatima Santana et al., (2017), foi a capacidade do paciente em acessar, entender e utilizar as informações ao seu favor, visando a manutenção da sua saúde.

Criando assim uma cultura de autocuidado, onde a relação médico-farmacêutico tem se mostrado bastante eficaz apresentando resultados positivos na redução de possíveis erros relacionados a medicamentos, promovendo a segurança e eficácia do tratamento (Mota et al., 2008).

2.4.3 Necessidade de intervenção precoce

O uso abusivo e indiscriminado de psicotrópicos pode trazer graves problemas tanto para o indivíduo quanto para a sociedade. A automedicação não responsável aumenta os riscos da ocorrência de efeitos colaterais, interações medicamentosas graves e resistência a medicamentos (Ortiz & de Oliveira, 2023).

É importante desenvolver estratégias que identifiquem precocemente o aumento do uso de psicotrópicos e ofereçam alternativas terapêuticas, além dos medicamentos, como por exemplo a prática de exercício físico, uma alimentação balanceada, psicoterapia, acupuntura, meditação, reflexologia, aromaterapia entre outras. Outra estratégia para reduzir o uso indiscriminado seria a capacitação dos profissionais que atuam na Atenção Primária de Saúde (APS), por meio da reavaliação dos pacientes para se entender a real situação deles, evitando a revalidação das receitas (de Moura et al., 2016).

Segundo de Araujo et al., (2018), essa prática de utilizar apenas medicamentos como alternativa no tratamento de doenças psíquicas, está muito centrado no modelo biomédico em que enxerga a doença apenas como uma lesão, diminuindo o processo de saúde-doença apenas para forma física, deixando de lado a integralidade do ser humano, onde o indivíduo é o conjunto do corpo físico que está ligado a racionalidade, mas também a dimensão sensorial, emocional e espiritual. Dessa forma, faz-se necessário a criação de novos modelos de cuidado no âmbito da saúde mental, mais ampliados, integrais e humanizados.

2.5 Abordagens para lidar com o problema

2.5.1 Acesso à saúde mental

A atenção primária à saúde é uma área fundamental do sistema de saúde, responsável por abordar os problemas de saúde mais prevalentes, incluindo

prevenção, reabilitação, cura e promoção da saúde. Com uma capacidade estimada de resolver cerca de 80% desses problemas, a atenção primária serve como o primeiro nível de cuidado em saúde. Seu objetivo é desenvolver uma atenção integral, que impacte positivamente a realidade de saúde das comunidades. Como parte do Sistema Único de Saúde (SUS), a atenção primária é orientada pelos princípios de universalidade, acessibilidade, continuidade do tratamento, integralidade da atenção, responsabilização, humanização e equidade (Portela, 2017).

Os serviços de atenção primária à saúde (APS) são geralmente os mais acessíveis e aceitos pela população. A integração da saúde mental nesses serviços facilitou a identificação e tratamento de transtornos mentais, contribuindo significativamente para a gestão dessas condições. As principais razões para essa integração incluem: a alta carga de doenças associadas a transtornos mentais, a conexão entre problemas de saúde física e mental, e a grande lacuna terapêutica nos tratamentos mentais. Assim, o acesso a esses serviços se torna mais amplo, aumentando a disponibilidade, o custo-efetividade e promovendo resultados clínicos positivos (Sterling et al., 2021).

2.5.2 Educação e conscientização

A prescrição de medicamentos refere-se à finalidade terapêutica e farmacológica de cada droga, baseada em uma avaliação clínica personalizada para cada paciente, orientando o uso correto e conscientizando sobre os efeitos colaterais (de Farmácia, 2013).

O uso indiscriminado de medicamentos a longo prazo pode causar dependência química, física e psíquica, além de consequências econômicas e sociais, como o aumento da demanda nos sistemas de saúde pública devido ao crescente uso de psicotrópicos durante a pandemia (de Oliveira et al., 2023).

O profissional farmacêutico desempenha um papel crucial na educação e conscientização sobre o uso de psicotrópicos, em um processo conhecido como atenção farmacêutica. Nessa função, o farmacêutico identifica e corrige possíveis riscos na farmacoterapia, melhorando a qualidade de vida dos pacientes por meio de proteção, promoção, prevenção, recuperação e assistência, além de facilitar o acesso à informação e promover o uso racional dos medicamentos (Barbosa & Costa, 2021).

Desde a pandemia, o farmacêutico ganhou maior destaque, pois, com a superlotação dos sistemas de saúde, a população começou a buscar as farmácias

para tirar dúvidas sobre medicamentos. Durante a dispensação e comunicação com os pacientes, os farmacêuticos foram capazes de perceber sinais emocionais e psicológicos, como ansiedade, estresse, insegurança e medo, estreitando assim a relação de cuidado entre farmacêutico e paciente (Munhoz et al., 2024).

2.5.3 *Intervenções terapêuticas*

Como discutido, a integração da saúde mental na atenção primária à saúde é crucial para reduzir o estigma em torno do tema. A incorporação de tecnologias pode ajudar a expandir o acesso a esses serviços e reduzir custos (Leão, 2014).

A Terapia Cognitivo-Comportamental (TCC) é uma abordagem que inicialmente foca no presente e na resolução de problemas. Seu objetivo é criar uma descrição da problemática atual do paciente, permitindo a compreensão dos padrões mal-adaptativos, através de uma teoria que explica a origem desses padrões e hipóteses sobre o que os mantém ativos. A TCC pode ser utilizada por pessoas de todas as idades, de forma individual ou em grupo, e desempenhou um papel importante durante o isolamento social, ajudando na organização da rotina, exercícios de relaxamento, e inclusão de atividades físicas no dia a dia (Wang et al., 2020; Costa & Rocha, 2021).

Durante a pandemia, a TCC também foi uma alternativa eficaz para lidar com a alteração de crenças e pensamentos negativos causados pela exposição às notícias sobre o aumento dos casos, a falta de informações confiáveis e a incerteza do “novo normal”. Essa técnica é especialmente recomendada para casos de Transtorno de Estresse Pós-Traumático (TEPT), pois auxilia no desenvolvimento de habilidades psicossociais, fortalecendo o equilíbrio emocional e comportamental do indivíduo (Soares et al., 2021).

A terapia online também foi amplamente utilizada durante esse período, tanto por pessoas que já faziam terapia, quanto por aquelas que precisaram de apoio devido à perda de familiares e amigos. Essa forma de terapia ajudou a superar os desafios impostos pelo isolamento social e proporcionou uma perspectiva de futuro mais segura com o fim da pandemia (Zhang et al., 2020).

3 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A pandemia de COVID-19 resultou em um aumento expressivo no uso de psicotrópicos, impulsionado pelos crescentes níveis de estresse, ansiedade e

depressão na população. Esse crescimento no consumo, especialmente quando feito sem a devida prescrição e acompanhamento médico, acarreta sérias implicações para a saúde pública, como o risco de dependência, o mascaramento de condições subjacentes e a sobrecarga dos sistemas de saúde.

Os impactos desse fenômeno são vastos e alarmantes. A automedicação e o uso indiscriminado desses medicamentos podem agravar problemas de saúde mental e física, levando a complicações mais severas e aumentando ainda mais a pressão sobre sistemas de saúde já sobrecarregados. Além disso, a falta de educação sobre o uso adequado de psicotrópicos, aliada ao estigma associado ao tratamento de distúrbios mentais, piora a situação, contribuindo para práticas de uso inadequadas e perigosas.

Para enfrentar esse problema, é fundamental implementar políticas públicas que promovam o uso racional de medicamentos, assegurando diagnósticos precisos e a prescrição médica adequada. O papel dos profissionais de saúde, especialmente farmacêuticos, é crucial na educação e monitoramento do uso desses medicamentos, auxiliando na adesão ao tratamento e prevenindo a automedicação. Medidas de conscientização e educação são essenciais para mitigar os riscos e garantir que os psicotrópicos sejam utilizados de forma segura e eficaz, protegendo a saúde mental e física da população.

REFERÊNCIAS

- Abi-Ackel, M. M., Lima-Costa, M. F., Castro-Costa, É., & Loyola Filho, A. I. D. (2017). Uso de psicofármacos entre idosos residentes em comunidade: prevalência e fatores associados. *Revista Brasileira de Epidemiologia*, 20, 57-69.
- Araújo, A. D. L. A. D., Pereira, L. R. L., Ueta, J. M., & Freitas, O. D. (2008). Perfil da assistência farmacêutica na atenção primária do Sistema Único de Saúde. *Ciência & Saúde Coletiva*, 13, 611-617.
- Barbosa, N. J. S., & Costa, B. A. (2021). Uso racional de medicamentos: o problema da automedicação. *Revista da Saúde da AJES*, 7(14).
- BARRETO JUNIOR, E. D. P. (2022). O uso de psicotrópicos durante a pandemia da Covid-19: uma consequência do isolamento social.
- Barros-Delben, P., Cruz, R. M., Trevisan, K. R. R., Gai, M. J. P., de Carvalho, R. V. C., Carlotto, P. A. C., ... & Malloy-Diniz, L. F. (2020). Saúde mental em situação de emergência: COVID-19. *Debates em psiquiatria*, 10(2), 18-28.

- BEZERRA, E. R., MEDEIROS, F. P. M. D., MELO, M. C. B. D., & SANTOS, M. M. H. D. (2021). Elaboração e validação de um manual para intervenções farmacêuticas na saúde mental de usuários na atenção primária.
- Bomfim, A., de Medeiros Rocha, J. S., & Júnior, C. G. (2023). Perfil do consumo de antidepressivos e benzodiazepínicos em uma UBS do Distrito Federal durante a Pandemia da COVID-19. *Research, Society and Development*, 12(3), e28112340857-e28112340857.
- Brooks, S. K., Webster, R. K., Smith, L. E., Woodland, L., Wessely, S., Greenberg, N., & Rubin, G. J. (2020). The psychological impact of quarantine and how to reduce it: rapid review of the evidence. *The lancet*, 395(10227), 912-920.
- Castro-de-Araujo, L. F. S., & Machado, D. B. (2020). Impact of COVID-19 on mental health in a Low and Middle-Income Country. *Ciência & saúde coletiva*, 25, 2457-2460.
- Cavalcante, D. M. (2017). Medicamentos psicotrópicos: concepções do uso a partir das perspectivas do usuário, do familiar que cuida e do profissional que o utiliza como recurso de cuidado, no contexto da Atenção Básica.
- Cavalcante, J. R., Cardoso-dos-Santos, A. C., Bremm, J. M., Lobo, A. D. P., Macário, E. M., Oliveira, W. K. D., & França, G. V. A. D. (2020). COVID-19 no Brasil: evolução da epidemia até a semana epidemiológica 20 de 2020. *Epidemiologia e Serviços de Saúde*, 29(4), e2020376.
- Cecilio, S. G., Vargas, M. E. C., Silveira, A. P. V., Cecilio, S. G., Coelho, J. C. D. O., Silva, D. R. G., ... & Resende, T. R. O. (2024). Impacto da Covid-19 na prática de automedicação em estudantes universitários. *Trabalho, Educação e Saúde*, 22, e02368235.
- Costa, M. S. A., & Rocha, A. S. (2021). O constructo personalidade em uma perspectiva da terapia cognitiva comportamental: Considerações dos modelos de avaliação psicológica. *Diálogos Interdisciplinares em Psiquiatria e Saúde Mental*, 1(1), 15-22.
- Cruz, D. A., Cavalcante, L. I. C., Costa, E. F., & Pinheiro, K. V. (2021). Institucionalização e isolamento social: reflexões acerca da saúde mental de crianças e adolescentes. *SAÚDE MENTAL*.
- da Silva Ferreira, T. I., de Melo, G. E. L., da Conceição Mendes, F. J., Sousa, S. B., da Silva, R. L., Cabreira, A. N., ... & Junior, J. R. Z. (2024). Efeitos da prática regular de exercícios físicos sobre parâmetros autonômicos de indivíduos jovens.
- de Araujo, G. R., Monteiro, F. S. C. T., de Souza Machado, C., & Beserra, C. V. E. A. (2018). Grupo de escuta e acolhimento-GEA: uma ferramenta de cuidado em saúde mental na estratégia de saúde da família-esf.

- de Farmácia, C. F. (2013). Regulamenta as atribuições clínicas do farmacêutico e dá outras providências.
- de Fatima Santana, J., Neto, J. L. T., Bravo, D. S., & Costa, A. B. (2017). Desafios e potencialidades da alfabetização em saúde no contexto do empoderamento: revisão sistemática da literatura. *Revista InterScientia*, 5(2), 211-224.
- de Moura, D. C. N., Pinto, J. R., Martins, P., de Arruda Pedrosa, K., & Carneiro, M. D. G. D. (2016). Uso abusivo de psicotrópicos pela demanda da estratégia saúde da família: revisão integrativa da literatura. *SANARE-Revista de Políticas Públicas*, 15(2).
- de Oliveira, S. J. V., de Andrade Santiago, M. A., Lisboa, L. F., de Araújo Grisólia, D. P., da Costa, C. M. M., & Grisólia, A. B. A. (2023). Atuação do farmacêutico na promoção do uso racional de antibiótico no âmbito hospitalar: Uma revisão integrativa. *Research, Society and Development*, 12(11), e19121143608-e19121143608.
- de Sousa, F. V., & Trevisan, M. (2021). Relação farmacêutico-paciente a partir do olhar clínico. *Revista Artigos. Com*, 29, e7632-e7632.
- de Souza, M. A., & Trevisan, M. (2021). A depressão no idoso e o papel do farmacêutico na terapia medicamentosa. *Revista Artigos. Com*, 28, e7371-e7371.
- dos Santos Pires, M., Dias, A. D. P., Pinto, D. C. L., Gonçalves, P. G., & Segheto, W. (2018). O uso de substâncias psicoestimulantes sem prescrição médica por estudantes universitários.
- Fontes, B. A., dos Santos Jacinto, P. M., & de Santana Rocha, R. V. (2022). Consumo de ansiolíticos benzodiazepínicos durante a pandemia de COVID-19: um estudo remoto com estudantes universitários. *Sapienza: International Journal of Interdisciplinary Studies*, 3(1), 34-44.
- Gossenheimer, A. N., Rigo, A. P., & Schneiders, R. E. (2021). ORGANIZATION OF THE TELE-PHARMACEUTICAL CARE SERVICE AS AN EMERGING IN THE FIGHT AGAINST COVID-19 IN RIO GRANDE DO SUL. *REAd. Revista Eletrônica de Administração (Porto Alegre)*, 26, 524-535.
- Lana, R. M., Coelho, F. C., Gomes, M. F. D. C., Cruz, O. G., Bastos, L. S., Villela, D. A. M., & Codeço, C. T. (2020). Emergência do novo coronavírus (SARS-CoV-2) e o papel de uma vigilância nacional em saúde oportuna e efetiva. *Cadernos de Saúde Pública*, 36, e00019620.
- Leão, L. H. D. C. (2014). *Vigilância em saúde mental do trabalhador: subsídios para a construção de estratégias de intervenção* (Doctoral dissertation).
- Maia, M. S., & Albuquerque, A. (2000). Get there now! Cultura contemporânea, imediatismo e desamparo. *Pulsional Revista de Psicanálise*, 13(132), 81-88.

- Malta, D. C., Gomes, C. S., Prates, E. J. S., & Bernal, R. T. I. (2023). Mudanças nas doenças crônicas e os fatores de risco e proteção antes e após a terceira onda da COVID-19 no Brasil. *Ciência & Saúde Coletiva*, 28(12), 3659-3671.
- Malta, D. C., Szwarcwald, C. L., Barros, M. B. D. A., Gomes, C. S., Machado, Í. E., Souza Júnior, P. R. B. D., ... & Gracie, R. (2020). A pandemia da COVID-19 e as mudanças no estilo de vida dos brasileiros adultos: um estudo transversal, 2020. *Epidemiologia e Serviços de Saúde*, 29(4), e2020407.
- Matschinske, L. B., Deobald, A. M., de Oliveira, L. L., & Rhoden, S. M. (2022). Psicofármacos: atuação no organismo e seu uso indiscriminado. *Brazilian Journal of Development*, 8(2), 12210-12226.
- Meira, K. L., de Araújo, F. J., & Rodrigues, R. C. (2021). Impacto da pandemia pelo novo coronavírus no perfil de consumo de ansiolíticos e antidepressivos na atenção básica do Distrito Federal, Brasil. *Infarma-Ciências Farmacêuticas*, 33(4), 363-369.
- Melo, A. M. O. D. (2021). Consumo de psicotrópicos, toxicidade, abuso e dependência entre jovens: uma revisão de literatura.
- Morgan, H. L., Petry, A. F., Licks, P. A. K., Ballester, A. O., Teixeira, K. N., & Dumith, S. C. (2017). Consumo de estimulantes cerebrais por estudantes de medicina de uma universidade do extremo sul do Brasil: prevalência, motivação e efeitos percebidos. *Revista brasileira de educação Médica*, 41, 102-109.
- Mota, D. M., Silva, M. G. C. D., Sudo, E. C., & Ortún, V. (2008). Uso racional de medicamentos: uma abordagem econômica para tomada de decisões. *Ciência & Saúde Coletiva*, 13, 589-601.
- Munhoz, D. J. A., Santos, C. F., da Costa, A. D. O., Jordão, T. A. G., & da Silva, E. B. P. (2024). A importância do farmacêutico na atenção primária à saúde: interações medicamentosas e automedicação. *Brazilian Journal of Health Review*, 7(2), e67759-e67759.
- Nunes, J. R., da Costa, J. L. R., & Moromizato, L. O. (2020). Análise do uso de psicotrópicos na atenção primária à saúde por uma revisão integrativa. *Brazilian Journal of Development*, 6(12), 96711-96722.
- Ornell, F., Schuch, J. B., Sordi, A. O., & Kessler, F. H. P. (2020). "Pandemic fear" and COVID-19: mental health burden and strategies. *Brazilian journal of psychiatry*, 42(3), 232-235.
- Ortiz, S. L. C., & de Oliveira, T. M. A. (2023). Uso abusivo de antidepressivos e ansiolíticos: compreendendo os riscos. *Brazilian Journal of Health Review*, 6(6), 30025-30039.
- Portela, G. Z. (2017). Atenção Primária à Saúde: um ensaio sobre conceitos aplicados aos estudos nacionais. *Physis: Revista de saúde coletiva*, 27, 255-276.

- Rivera, J. G. B., Duarte, F. C. M., da Silva, R. R. C., Monteiro, S. B., Guimarães, M. C. M., & Vale, V. V. (2021). Impacto da automedicação de fármacos benzodiazepínicos Impact of self-medication of benzodiazepine drugs. *Brazilian Applied Science Review*, 5(4), 1767-1780.
- Rodrigues, P. S., Francisco, P. M. S. B., Fontanella, A. T., Borges, R. B., & Costa, K. S. (2020). Uso e fontes de obtenção de psicotrópicos em adultos e idosos brasileiros. *Ciência & Saúde Coletiva*, 25, 4601-4614.
- Silva Júnior, J. A. D. (2019). Atenção farmacêutica no uso racional de medicamentos como estratégia na promoção da saúde aos grupos pediátricos e geriátricos: Uma revisão integrativa.
- Silva Mesquita, A., Carneiro Pires, M. A., da Silva Rosa, R., Tavares Barbosa, S., Carvalho, A., & Lima da Silva, W. (2023). O USO INDISCRIMINADO DE BENZODIAZEPÍNICOS NO TRATAMENTO DA ANSIEDADE, DURANTE O PERÍODO PANDÊMICO DA COVID19: REVISÃO SISTEMÁTICA. *Revista Foco (Interdisciplinary Studies Journal)*, 16(11).
- Soares, D. C. S., dos Santos, L. A., & Donadon, M. F. (2021). Transtorno de estresse pós-traumático e prejuízos cognitivos, intervenções e tratamentos: uma revisão de literatura. *Revista Eixo*, 10(2), 15-24.
- Souza, A. S. R., Amorim, M. M. R., Melo, A. S. D. O., Delgado, A. M., Florêncio, A. C. M. C. D., Oliveira, T. V. D., ... & Katz, L. (2021). Aspectos gerais da pandemia de COVID-19. *Revista Brasileira de Saúde Materno Infantil*, 21, 29-45.
- Sterling, R. A. M., Gonçalves, L. F., & Haas, P. (2021). Atenção à saúde mental na atenção primária de saúde: uma revisão sistemática. *Research, Society and Development*, 10(3), e43210313394-e43210313394.
- Villa, R. S., García, E. R., Barbero, J. V., Hermida, J. R. F., Seco, G. V., & García, J. M. J. (2003). El consumo de psicofármacos en pacientes que acuden a Atención Primaria en el Principado de Asturias (España). *Psicothema*, 15(4), 650-655.
- Zhang, C., Yang, L., Liu, S., Ma, S., Wang, Y., Cai, Z., ... & Zhang, B. (2020). Survey of insomnia and related social psychological factors among medical staff involved in the 2019 novel coronavirus disease outbreak. *Frontiers in psychiatry*, 11, 306.